

Os conflitos entre os Agentes de Pastoral de Negros e a Igreja eram inevitáveis. Essa relação conflituosa se intensificou durante a Campanha da Fraternidade de 1988, apesar de a escolha do tema - "A Fraternidade e o Negro" - ser considerada pela autora como uma grande vitória do grupo. A campanha quase soçobrou graças ao "boicote" da ala conservadora da Igreja, fazendo com que a questão racial fosse discutida superficialmente.

Na conclusão, A.L. Valente estabelece comparação entre as Irmandades e os Agentes de Pastoral de Negros, e deduz que existia uma convergência em relação aos objetivos e uma divergência em relação às estratégias. Enquanto as Irmandades "mascaravam" os orixás, os Agentes de Pastoral de Negros "desmascaravam" os mesmos. E, finalmente, demonstra a dialética do movimento de repressão da Igreja, que levou à adoção de símbolos africanos pelos negros como forma de resistência, ao mesmo tempo que a adoção de elementos estranhos ao ritual "tradicional" fazia com que a Igreja Católica investisse na descaracterização da "liturgia negra".

A autora vence o desafio de estudar a religiosidade negra através de sua ligação com a Igreja Católica - já que a maior parte dos trabalhos nessa linha têm como objeto o candomblé e a umbanda -, demonstrando como certos aspectos da religiosidade afro-brasileira só puderam prevalecer justamente através dessa ligação com a Religião Católica.

Ao trabalhar com os conceitos de "resistência de cultura" e "cultura de resistência", Ana Lúcia Valente nos revela a complexidade que envolve os estudos sobre os grupos étnicos, dentro de uma sociedade extremamente dinâmica.

*Reinaldo da Silva Soares*

Mestrando em Antropologia Social da FFLCH/USP.

VASSALLO, Lígia. *O Sertão Medieval: origens européias do teatro de Ariano Suassuna*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.

Segundo palavras da autora no capítulo I, esta obra foi escrita, originalmente, como tese de doutoramento, defendida em outubro de 1988. O *corpus* do trabalho constitui-se de nove peças teatrais de Suassuna, analisados da perspectiva da intertextualidade, que encontra nelas remanescentes da comédia latina de Plauto e Terêncio, dos mistérios e milagres medievais, das farsas vicentinas, passando, ainda, pelo teatro culto de Shakespeare, Molière e Calderón de la Barca. Influências decisivas e notórias, elas ficam, contudo, aquém do folclore nordestino - do bumba-meu-boi, do mamulengo e da literatura de cordel - que Suassuna confessa tê-lo marcado desde a infância, em grande parte dispendida nos circos da região.

O maior mérito do livro é levar em conta todas essas imbricações, peça por peça, em paciente rastreamento de motivos e idéias que, sob nova roupagem,

mal disfarçam a ancianidade de sua constituição. Por exemplo, a duplicidade do cômico, cuja oscilação entre o sério e o jocoso facilita a crítica social, gerando tipos como o “amarelinho” ou “quengo sertanejo”, limítrofe do malandro, do pícaro e do *trickster* ancestral - aventureiro manhoso e cheio de astúcia, eternamente em luta contra as adversidades do meio, denunciando pelo “jeitinho” as relações conflituosas entre patrão e empregado (p. 147). O objetivo moralizante, que impregna fortemente todas as peças, representa apenas o outro lado dessa moeda, assentada sobre o binarismo da religiosidade cristã, a dividir o mundo entre bons e maus. E é por aí, por essa duplicidade de caminhos - sagrado/profano, verdade/mentira, trágico/cômico - que o teatro de Suassuna mais palpavelmente acusa seu arcabouço medieval.

Para quem possa supor que o entrecruzamento de tendências seja circunstancial na dramaturgia do escritor paraibano, saiba que tal intenção o acompanhou desde sempre: do TEP (Teatro de Estudantes de Pernambuco, 1945) ao Movimento Armorial da década de 70, o intuito nunca deixou de ser “fazer literatura erudita a partir das raízes populares da nossa cultura” - conforme palavras do próprio Suassuna citadas por Lígia Vassalo (p. 25 e ss.). Portanto, o ângulo crítico da intertextualidade parece mesmo o mais adequado ao exame dos textos, quando menos porque lhes respeita a natureza íntima.

Em que pese a tantas qualidades, um defeito incomoda e talvez possa ser corrigido em futuras edições: a repetitividade de informações, que mal esconde o subjacente colóquio com a banca examinadora, muito ganharia em restringir-se e ceder espaço a um último capítulo, de cunho ensaístico e interpretativo, em que se discorresse sobre a essência da cosmovisão de Ariano Suassuna. As relações entre o homem e a sociedade, no trânsito da Idade Média européia para a modernidade sertaneja nordestina, ficaram por realizar, como esperado resultado da estatística tão criteriosamente compreendida. Na linha de Umberto Eco, indagar sobre os fundamentos arquetípicos de semelhante teatro faria do diálogo regional/universal um meio de o leitor situar-se em seu próprio tempo.

Mesmo sem esse “adendo”, que a enriqueceria, a obra de Lígia Vassallo oferece indispensável painel a críticos literários e estudantes de Letras interessados em conhecer a dramaturgia suassuniana, tão comprometida com as nossas coisas, mas também tão ciosa de um Passado anterior a nós.

*Lênia Márcia Mongelli*

Professora do Depto. de Letras Clássicas e Vernáculas da FFLCH/USP.